

ABDI: intelectuais em parceria por uma associação profissional pioneira.

Marcos da Costa Braga

Mestre em Antropologia da Arte pela EBA-UFRJ

Doutorando em História Social do Programa de Pós-Graduação da UFF

Pesquisador associado ao LAHSOE – UFF

Professor do Centro Universitário Unicarioca

Email: bragamcb@carioca.br

No início dos anos '60, intelectuais acadêmicos da área de arquitetura e desenho industrial implantam o ensino institucionalizado de design no Brasil. A seqüência de disciplinas em desenho industrial da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP e a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) no Rio de Janeiro são frutos desta mobilização e refletem o otimismo com a industrialização brasileira da época. O mercado de desenho industrial se flexibilizava e incentivava os agentes do campo profissional de design a se organizarem e a criarem a primeira associação profissional de design do Brasil, a ABDI – Associação Brasileira de Desenho Industrial. Este texto pretende abordar o modo como esta associação profissional divulgou e disseminou o design no país através da conscientização e da parceria com segmentos do empresariado nacional. Notadamente aqueles que se interessavam, não só por industrialização, mas também por cultura de uma maneira ampla.

A ESDI e a FAU/USP adotaram o termo 'desenho industrial' para definir a área de atuação que em muitos países era predominantemente associada ao *industrial design*. A palavra design foi escolhida, em fins dos anos '80, pela categoria profissional de desenhistas industriais, para se denominar e se diferenciar dos demais profissionais 'desenhistas' de nível médio e técnico.

O campo do design no Brasil ficou classicamente dividido em duas grandes áreas. O design gráfico abrangendo o projeto de sistemas e suportes para informação visual, como impressos, sinalização, interface gráfica para web etc, enquanto que o design de produtos se referindo ao projeto de sistemas de produtos e/ou objetos industrializados como móveis, eletrodomésticos, veículos etc.

Os primeiros anos.

Os anos '60, marcam não só o início da institucionalização do campo profissional, mas a contínua expansão das áreas de atuação, como automóveis, fogões e identidade corporativa para órgãos públicos decorrentes da industrialização e do desenvolvimento urbano ocorrido desde os anos '50. Um pouco antes da fundação da ABDI, em 1963, os seus articuladores atuavam em um mercado que consideravam ainda restrito, mas com potencial de expansão. O otimismo do período JK e seu processo de industrialização ainda ecoava no país e entre os profissionais das áreas

projetuais. O campo gráfico do design se apresentava mais amplo que o de design de produto, que até então tinha sua grande base no campo do mobiliário e interiores, fruto da atuação predominante de arquitetos partidários do estilo moderno desde os anos '20¹.

Este cenário incentivou o início do ensino do desenho industrial em São Paulo com a FAU/USP e no Rio de Janeiro com a ESDI. A FAU, de modo coerente com a história do campo arquitetônico moderno no Brasil e da formação do arquiteto moderno também nas áreas do design na linha de ensino iniciada pela Bauhaus alemã, pretendia ampliar a noção de projeto do arquiteto. Este “deveria participar do projeto e de tudo o que se faz no seu cenário”², possibilitando assim abrir seu campo de trabalho. Já a ESDI, foi fundada para formar uma mão de obra especializada em desenho industrial com a intenção de participar de um projeto de industrialização que fazia parte dos planos políticos de Carlos Lacerda para o Estado da Guanabara no início dos anos '60³.

Logo, os docentes destas instituições e mais alguns profissionais, sem atuação docente, sentiram a necessidade, e que era o momento propício, de assumirem um papel mais “coletivo do que puro e simplesmente um papel de professor ou simplesmente de profissional”⁴. Através de contatos pessoais e sociais, um grupo atuante na área do design no eixo Rio - São Paulo, se reúne e fundam a ABDI em setembro de 1963.

A ABDI foi constituída por profissionais pioneiros que atuavam no campo do desenho industrial nos anos 50 e 60, e que possuíam formação diversificada. Os docentes da ESDI e da FAU/USP estavam entre estes profissionais, pois também realizavam trabalhos de design para o mercado. Destacam-se, neste momento, entre eles: Lucio Grinover, João Carlos Cauduro, Abraão Sanovicz, Rodolfo Stroeter, Alexandre Wollner e Carl H. Bergmiller. Neste grupo também encontramos entre seus quadros, artistas concretistas e publicitários como Décio Pignatari, artistas gráficos como Willys de Castro e Fernando Lemos e empresários entusiastas do design como Leib Seincman, dono da indústria de móveis Ambiente e mais tarde da indústria Projeto.

Desde seu começo institucional a ABDI realizou um papel cultural de divulgação e disseminação do design industrial objetivando, principalmente, as empresas para uma possível expansão do mercado de trabalho. Esta aproximação encontrou eco entre alguns empresários de empresas de médio e grande porte com os quais os membros da ABDI mantinham relações profissionais e sociais. Destacaram-se no apoio a ABDI, José Mindlin, da Metal Leve, Luis Villares, das indústrias Villares e, Georgio Padovani, da Olivetti do Brasil.

A divulgação do design envolvia um trabalho de conscientização sobre o que é desenho industrial. Através de palestras e publicações direcionadas principalmente aos clientes, potenciais contratantes de designers, objetivava-se não só a abertura do mercado de trabalho de modo mais amplo, mas também a possibilidade de novos projetos para os membros associados da ABDI. Os poucos profissionais associados consideravam que a ABDI serviria de fórum de encontro entre

pares e que possibilitaria ações mais eficientes em conjunto para a conscientização do empresariado sobre o papel do design para as suas empresas.

A presença empresarial marcou não só o modo como a ABDI pretendeu divulgar o design, como também a sua própria fundação e formação. Empresários que eram clientes e amigos dos designers antes da fundação da ABDI, participam da associação como seus fundadores ou como articuladores de contatos com outros empresários, ou ainda, como patrocinadores e parceiros na realização de eventos e publicações da ABDI.

Mesmo entre alguns arquitetos que formaram a ABDI, em seus primeiros anos, encontramos empresários de indústrias de móveis como Michel Arnoult e Abraão Sanovicz. Além disso, José Seber e Leib Seincman, que compuseram diretorias da associação, eram industriais e chegaram a contratar alguns serviços de design de membros da ABDI.

Coerente, portanto, que o primeiro grande evento de divulgação do design pela ABDI junto ao empresariado tenha sido junto ao Fórum Roberto Simonsen, entidade da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. A FIESP foi contactada aproveitando-se as relações com empresas que os associados já possuíam. A divulgação e conscientização poderia assim ser feita de forma institucional e para coletivos de empresários facilitando o trabalho de conscientização individual que, segundo Begmiller ⁵ parece ter sido praticado por muito tempo pelos associados da ABDI. O evento resultou na primeira publicação da ABDI, e foi paga pela FIESP. O livro “Desenho Industrial: aspectos sociais, históricos, culturais e econômicos”, editado em 1964 pela FIESP, trazia os textos das conferências proferidas por membros associados da ABDI. Abrangiam definições sobre a profissão de desenhista industrial, sua História no Brasil e no mundo e os diversos aspectos técnicos e sociais que o envolviam.

Parcerias e Eventos.

Este evento marcou o início de parcerias dos intelectuais que se interessavam pelo design por variadas motivações e diferentes participações na associação profissional pioneira, em atividades culturais e de divulgação do design.

As exposições de trabalhos e o incentivo à promoção de concursos por parte de empresas formaram um dos eixos de atividades culturais empreendido pela ABDI como parte da estratégia de divulgação e conscientização sobre o design brasileiro.

As relações sociais e profissionais dos designers com empresas facilitaram a estruturação dessas atividades através do apoio de empresários que possuíam interesse em eventos culturais e que também já tinham alguma consciência sobre o que era o design industrial.

Nos primeiros anos de atividades da ABDI destaca-se a parceria montada com a firma Alcântara Machado Comércio e Empreendimento Ltda, responsável pela realização de feiras

industriais e comerciais. Os Prêmios Lúcio Meira, sobre carrocerias de automóveis, e Roberto Simonsen, sobre projetos e produtos de utilidades domésticas, foram promovidos pela Alcântara Machado e passaram a contar com a ABDI na montagem do júri e na sua organização. O mesmo ocorreu em outras premiações. O Prêmio Roberto Simonsen, patrocinado pela FIESP, se dividia em mais de uma categoria de produtos para o lar e era realizado por ocasião da feira Nacional de Utilidades Domésticas - UD, realizada anualmente em São Paulo nos anos '60. Os concursos de design congregavam os poucos profissionais e estudantes interessados em design e serviam também para divulgar a sua produção e a sua capacidade para potenciais e, talvez, futuros clientes.

Publicações da ABDI continuaram a ser realizadas, com apoio dos empresários, e exerceram papel importante no registro e na divulgação das atividades da ABDI e da produção profissional dos seus associados e demais designers. Destacam-se a revista “Produto e Linguagem”, editada em três números de 1965 a 1966 e em alguns exemplares editados em 1977, e os boletins informativos editados em nove números de 1974 a 1977. Estes eram distribuídos aos associados e às empresas como parte das ações de disseminação dos conceitos sobre o design.

Em determinados eventos de palestras e debates empresários e representantes dos governos públicos eram convidados a proferirem conferências em relação às dimensões de políticas e exemplificações de uso do design. Assim se mantinha o debate e se estimulava a adesão de demais agentes potenciais produtivos e fomentadores, bem como consolidava o interesse de estudantes e profissionais a continuar a se dedicando ao design em um cenário ainda com limitações de atuação no mercado de trabalho dos anos '60 e '70.

A presença de empresários nas atividades da ABDI, nos segmentos acima descritos, foi uma constante, variando de intensidade e foco conforme as conjunturas de época e as relações sociais estabelecidas com os membros de diretorias de cada gestão.

Mas no cotidiano das assembleias e reuniões da Associação eram muito poucos os empresários que compareciam com uma certa frequência. No dia a dia da ABDI, outras questões de interesse da profissão de desenhista industrial, entravam na pauta de discussões como a regulamentação da profissão, finanças da associação, representação nacional etc. assuntos de interesse maior para os que dirigiam ou freqüentavam a associação na condição de designers.

No entanto, isto não impediu o apoio dado aos eventos e até a constituírem um Conselho Consultivo na gestão do engenheiro Sérgio Kehl, quando este foi presidente da ABDI de 1974 a 1976. Segundo Ari Rocha ⁶ este Conselho, com dez empresários, tinha como presidente José Mindlin, que também era diretor da FIESP, e conseguiu mobilizar alguns empresários para, mais uma vez, investir dinheiro em atividades promovidas pela ABDI após um período em que a Associação tinha sofrido um esvaziamento de atividades na virada da década de '60 para a '70.

Parte deste esvaziamento foi relacionado por Lúcio Grinover e Alessandro Ventura a um desânimo que alguns membros da ABDI sentiram nesta época, e mais tarde em fins dos anos '70, devido a não realização efetiva do design de produtos industrializados na escala e na diversificação de áreas que se esperava.

Apesar da ABDI congregar profissionais das áreas gráfica e de produto, a motivação principal na luta pelos objetivos da ABDI por parte de alguns dos principais articuladores da entidade era a esperança de ver crescer o mercado de desenvolvimento de produtos industrializados no país. Mesmo que, até para estes, fosse a área gráfica que efetivamente apresentasse as melhores possibilidades de ganho e de expansão de mercado de trabalho, o desenho de produto estava associado a uma intervenção social de maior vulto por parte do designer e a uma maior interação com o processo de industrialização do país ocorrido nos anos anteriores.

A maior parte dos empresários, clientes e amigos dos membros da ABDI, segundo Alessandro Ventura ⁷, apresentaram um interesse mais cultural do que efetivamente produtivo a respeito do design de produtos.

Para Ari Rocha alguns empresários atuantes no apoio a ABDI “faziam parte de uma intelectualidade” ⁸. Pois além da consciência sobre a importância do design, possuíam um interesse em cultura de um modo mais amplo e exemplifica que Luiz Villares e Mindlin foram conselheiros do MoMA, o museu de arte moderna de Nova York. Seus interesses na divulgação e disseminação do design industrial, mesmo como ferramenta de melhoria dos produtos e da competitividade das empresas, fariam parte de noções culturais e de estratégias estruturais mais amplas sobre o desenvolvimento industrial nacional.

Porém, de um modo geral, tanto estes quanto muitos outros empresários que tiveram contato com a ABDI, estavam sujeitos às restrições econômicas e a falta de uma estrutura de investimentos mais amplos que possibilitasse diminuir os riscos que consideravam existir em um projeto de desenvolvimento de produtos nacionais.

Para Ventura, a falta de capital adequado, que pudesse iniciar uma estrutura de investimentos para começar e manter um processo de geração de novos produtos industriais brasileiros, estava entre os principais motivos das restrições econômicas. Este processo teria que cobrir todas as etapas de projeto do produto, incluindo matrizes e testes com protótipos, em um tempo compatível com uma comercialização competitiva diante dos produtos gerados e comercializados por outros países. Por este motivo, boa parte do empresariado preferia copiar ou comercializar o produto estrangeiro que já existia “totalmente desenvolvido, onde você tem, inclusive, as características das ferramentas que você vai utilizar” ⁹. Esta saída tornava o investimento menor para a empresa sobre variados aspectos. Embora, como lembra Grinover, a

imagem dos brasileiros no exterior, principalmente percebida em feiras industriais, fosse negativa, pois “acusavam os brasileiros de copiarem sem mais e sem menos”¹⁰.

Ventura aponta ainda o desconhecimento do que seria o desenho industrial por muitos empresários, apesar de todo o trabalho de divulgação da ABDI nas atividades que empreendeu. Talvez por isso, Bergmiller tenha dito que “durante anos precisava sempre explicar que vantagem um empresário tem, mesmo, com a participação de um profissional de design”¹¹.

De qualquer forma, a conscientização de determinados segmentos do empresariado ocorreu, mesmo que com limitações, e daria frutos mais tarde. Eles viabilizaram uma aproximação com determinados segmentos empresariais da FIESP e permitiram a realização de um trabalho de divulgação e conscientização sobre o desenho industrial nacional diante de um cenário de poucos investimentos no desenvolvimento de produtos industrializados projetados no país nos anos 60 e 70.

Em 1979, como consequência do interesse de determinados diretores da FIESP no design, foi inaugurado, como parte daquela entidade, o Núcleo de Desenho Industrial (NDI-FIESP). As ações que empreendeu inicialmente, abrangiam algumas atividades semelhantes à aquelas empreendidas pela ABDI: promoção de palestras e debates sobre design e cadastro profissional de designers. Tanto estas atividades quanto às demais ações do NDI tinham como um de seus objetivos principais divulgar e conscientizar os associados da FIESP das vantagens que poderiam ocorrer com a adoção do design pelas empresas.

Entretanto, o advento do NDI e de suas atividades no cenário paulista da época, acabou por se configurar em um dos elementos, entre vários outros (como o problema das cópias citado acima), que contribuíram para um esvaziamento da ABDI no final dos anos '70, e este por sua vez levou ao fechamento da associação em 1980.

Considerações Finais.

A parceria entre intelectuais que atuaram como designers e entre estes e empresários com consciência sobre o design, ainda que de um viés mais cultural do que produtivo na escala pretendida pelos projetistas destas parcerias, marcaram não só o modo como a ABDI divulgou e disseminou o design na sociedade, mas o modo como se iniciou a organização profissional no Brasil.

Estes articuladores apesar de serem poucos, na concepção deles próprios, foram importantes também pelas filiações institucionais a que pertenciam e que possibilitaram ações baseadas em relações institucionais. O processo de conscientização da sociedade brasileira sobre o design dentro de uma perspectiva histórica, se iniciou pelo setor produtivo final no qual o design se materializa. Portanto, seria o modo inicial e pioneiro de um processo de conscientização dos diversos segmentos

sociais que continuou a ser empreendido pelas gerações posteriores de designers até os dias de hoje. E que ainda continuará por gerações por vir. A História dirá.

Referências Bibliográficas:

CAVALCANTI, Lauro. *Preocupações do Belo*. Rio de Janeiro, Taurus, 1994.

Entrevista realizada com Alessandro Ventura em 1 de agosto de 2000 na cidade de São Paulo.

Entrevista realizada com Lucio Grinover em 20 de novembro de 2000 na cidade de São Paulo.

Entrevista realizada com Carl. A. Bergmiller em 27 de agosto de 2000 na cidade do Rio de Janeiro.

Entrevista realizada com Ari Antonio da Rocha em 7 de junho de 2001 na cidade de São Paulo.

NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil : origens e instalação*. 2 ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1997.

Notas:

¹ Cf. Cavalcanti (1994).

² Entrevista realizada com Alessandro Ventura em 1 de agosto de 2000 na cidade de São Paulo. Ventura se formou na FAU em 1963 e participou da ABDI nos anos '70.

³ Cf. Niemeyer (1997).

⁴ Entrevista realizada com Lucio Grinover em 20 de novembro de 2000 na cidade de São Paulo.

⁵ Entrevista realizada com Carl H. Bergmiller em 27 de agosto de 2000 na cidade do Rio de Janeiro.

⁶ Entrevista realizada com Ari Antonio da Rocha em 7 de junho de 2001 na cidade de São Paulo. Ari Rocha é formado pela FAU-USP e participou da diretoria provisória da ABDI em 1970.

⁷ Entrevista realizada com Alessandro Ventura em 1 de agosto de 2000 na cidade de São Paulo.

⁸ Entrevista realizada com Ari Antonio Rocha em 7 de junho de 2001 na cidade de São Paulo.

⁹ Ventura, op. cit.

¹⁰ Grinover, op. cit.

¹¹ Bergmiller, op. cit.